

ALAIN CORBIN

SABERES E ODORES
O OLFATO E O IMAGINÁRIO SOCIAL
NOS SÉCULOS XVIII E XIX

Tradução:
LIGIA WATANABE


COMPANHIA DAS LETRAS

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Corbin, Alain.
Saboras e odores : o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX / Alain Corbin ; tradução Lígia Marande. -- São Paulo : Companhia das Letras, 1987.

ISBN 85-83095-4-3-1

1. França - Condições sociais - Século 18
2. França - Condições sociais - Século 19
3. Odores - Aspectos sociais 4. Olfato - Aspectos sociais I. Título. II. Título: O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX.

CDD-152.166
-344.07
87-1661

Índices para catálogo sistemático:

1. França : Condições sociais : Século 18 944.034
2. França : Condições sociais : Século 19 944.07
3. Odores : Aspectos sociais 152.166
4. Olfato : Aspectos sociais 152.166
5. Percepção olfativa : Psicologia 152.166

Copyright © 1982 by Éditions Aubier Montaigne

Título original:

Le miasme et la jonquille
L'odorat et l'imaginaire social
XVIII^e-XIX^e siècles

Indicação editorial:

Renato Janine Ribeiro

Capa:

Moema Cavalcanti

Tecido da capa:

Toile de Jouy, Formatex Representações Ltda.

Revisão:

Adriana Lichtenfels

Jô de Melo

Denise Gutierrez

1987

Editora Schwarcz Ltda.
Rua Barra Funda, 296
01152 — São Paulo — SP
Fones: (011) 825-5286 e 67-9161

"Non, ce n'est pas impunément qu'une personne délicate, impressionnable et pénétrable, recevra le fâcheux mélange de cent choses vicieuses, vicieuses, qui montent de la rue à elle, le souffle des esprits immondes, le pêle-mêle de fumées, démanations mauvaises et de mauvais rêves qui plane sur nos sombres cités!"

Jules Michelet, *La femme*, 1859

"Não, não há de ser impunemente que uma pessoa delicada, impressionável e permeável receberá essa desagradável mistura de mil coisas viciadas, viciosas, que sobem da rua até ela: o halo de espíritos imundos, a confusão de fumaças, de emanações ruins e de sonhos ruins que plana sobre nossas sombrias cidades!"

(Jules Michelet, *A mulher*, 1859)

AS ESTRATÉGIAS DA DESODORIZAÇÃO

PAVIMENTAR. DRENAR. VENTILAR

A ascensão das preocupações higienistas no final do século XVIII suscitou numerosos textos. Meu propósito não é estabelecer seu balanço, mas operar uma releitura do discurso e tentar uma revisão das realizações na perspectiva de uma história sensorial. A política sanitária que então se estrutura inspira-se num passado já distante, assombrado pelo nauseabundo; ela assume práticas herdadas da ciência antiga, ressurgidas no campo dos regulamentos urbanos por volta do século XIV. No entanto, esse higienismo não se restringe à reutilização (do objeto): a evolução das convicções médicas e, mais ainda, os progressos da química já asseguraram a sua modernidade.

A estratégia sanitária que se modela então não mais se reveste com o caráter episódico daquela que se desenvolvia quando grassavam epidemias; ela pretende chegar à permanência; ela opera uma síntese; ela coordena as decisões de uma forma edilítaria. "A invenção da questão urbana",¹ o triunfo da concepção funcional da "cidade-máquina" incitam a uma "toalette topográfica", indissociável da "toalette social", que a limpeza de ruas e a instalação dos locais de confinamento atestam. A partir do decênio 1740-1750, institui-se uma polícia sanitária, visando ser coerente, sob a direção de médicos auctólatos senão pelas maravilhas de sua eficácia, ao menos pela au-

toridade que um "saber transparente", "indiferente aos interesses particulares", lhes confere. A demografia nascente, que tende a identificar a cidade à tumba, reforça o pessimismo urbano; ela accentua a urgência do projeto do bem-estar social.

Desinfectar — e portanto desodorizar — participa, além do mais, de um projeto utópico: aquele que visa a calar os testemunhos do tempo orgânico e a rechazar todos os marcadões irrefutáveis da duração, essas profecias de morte que são o excremento, o produto dos mênstruos, a podridão da carniça e o fedor do cadáver.² O silêncio olfativo não desarma apenas o miasma; nega o escoamento da vida e a sucessão dos seres; ajuda a suportar a angústia da morte.

O mais arcaico dos imperativos dessa higiene desodorizante consiste em tentar isolar o espaço aéreo das emanações telúricas. Interromper o fluxo dos sopros plutonianos, proteger-se contra o regurgitar do solo, impedir sua impregnação com a finalidade de garantir o futuro e, na medida do possível, cercar os fedores acabam sendo cuidados permanentes. Em toda parte onde o dessecação se torna impossível, é importante inundar as vasas, submergir as terríveis fissuras e assim evitar o escapeamento dos eflúvios que se desprendem daí. Quando se torna indispensável dragar uma bacia portuária ou um canal submetido ao fluxo da maré, é melhor esperar que as águas os recubram.³ Chaptal aconselhará que se aterrem com areia as margens dos pântanos.⁴

Um cuidado semelhante explica a inquietante atenção⁵ dada à "tenebrosa arte de pavimentar", minuciosamente codificada pelo abade Bertholon.⁶ A tradição culturalista da cidade alimenta o sonho das vias de pedras, imitadas dos romanos. O pavimento agrada ao olhar; torna a circulação mais fácil; facilita a lavagem com muita água. Mas pavimentar é antes de tudo isolar-se da sujeira do solo ou da putridéz das camadas aquáticas. Nos locais estreitos que se avizinham das feiras, o pavimento é indispensável.⁷ Em Caen, cidade particularmente ameaçada pela extensão de águas estagnantes, pavimentar-se sem tépua.⁸ O uso recente de calçadas, importado da Inglaterra e

que só se desenvolverá na França muito lentamente, advém do mesmo imperativo. Ele surge pela primeira vez em Paris, em 1782, ladeando a rua do Teatro Francês (rua do Odéon).

Na ordem do discurso, prega-se então a extensão da pavimentação para as ruas dos vilarejos e para o interior da casa camponesa.⁹ Howard aconselha que se substituam os pisos de corte dos hospitais pela pedra chata.¹⁰ A forração das fossas sépticas, única coisa suscetível de canalizar a impregnação, torna-se objeto de prescrições cuja precisão pode até parecer surpreendente.¹¹ E no entanto, nota Franklin, a pavimentação introduz um dilema. Se ela atrapalha a elevação dos fedores, por outro lado interrompe a infiltração, atrasa o enxaguar do solo pela chuva, impede a renovação das águas subterrâneas e, portanto, a eliminação da infecção passada. Numa palavra, favorece a estagnação.

Contra a *lepra domorum*, os higienistas adotam as injunções de Moisés. Retirar o velho reboco e substituí-lo, estaquear as paredes e eliminar os tijolos que estiverem em contato direto com o solo, pois estarão embebidos de substâncias pútridas misturadas à terra, são mais do que puros imperativos técnicos.¹² Rebocar, forrar, pintar, cair paredes, tetos e madeiramentos é vestir uma couraça contra o miasma. Assim se justifica o sucesso do estuque, que não somente agrada à visão como também se revela um eficaz agente de luta contra a infecção. O estranho sr. Banau destina seu verniz antimélico às paredes tanto quanto aos móveis e às roupas.¹³ Howard felicita-se pelo fato de que, no hospital de Corte, telhas envenenizadas recobrem as divisórias até uma altura de oito pés.¹⁴

A vontade de obter hermeticamente os reservatórios de fedor parece totalmente natural; ela não poderia ser considerada como de segunda ordem; será essa vontade que organizará a estratégia adotada pelos higienistas face aos danos olfativos causados pela indústria.¹⁵ As técnicas de fabricação em redomas aprestandas pelos sábios justificarão a presença das fábricas de produtos químicos no coração da cidade. Este procedimento, que dentro de uma perspectiva augustiniana se tornará um dos

crises do futuro regulamentarismo, começa a se esboçar tendo como alvo o excremento. O abade Bertholon exige uma boa junção para os tonéis limpa-fossas, propondo-lhes modelos. Thouret mostra-se satisfeito em constatar que a maioria dos curros com esse fim é doravante calafetada com estuques.¹⁶

Apesar da importância dada à circulação das massas aquáticas, o uso da água permanece ambíguo. Limpar significa não tanto lavar, mas antes *drenar*; o essencial é assegurar o escoamento, a evacuação da inundície. Desde a descoberta de Harvey, o modelo da circulação sanguínea induz, numa perspectiva organicista, o imperativo do movimento do ar, da água, dos produtos. O contrário do insalubre é o movimento. Como observa Bruno Fortier, "nada que seja móvel e forme massa pode, com efeito, corromper-se".¹⁷ A doutrina dos fisiocratas transpõe essa injunção no plano econômico. O reconhecimento das funções de circulação, como resalta Jean-Claude Perrot, é o que conduz às mutações das representações urbanas; ela precipita as sangrias, as "demolições de fortificações".¹⁸ A virtude dada ao movimento incita às canalizações e à expulsão da inundície; justifica a importância dada à queda d'água das construções. Secar uma cidade através da drenagem significa desativar a estagnação pútrida genealógica, preservar o futuro desta cidade, garantir, através da técnica, a regulação que a natureza sozinha não poderia operar nesses locais de amontoamento artificial.

A drenagem de pântanos pestilenciais, situados na vizinhança de cidades, inscreve-se na ordem do dia. Em 1760, Voltaire decide sanear os arredores de Ferney.¹⁹ Em 1781, o marquês de Voyer combate os pântanos que envolvem Rochefort. Bernardin de Saint-Pierre torna-se propagandista da drenagem.²⁰ O mais importante, para nosso objeto, é a drenagem das ruas. Limpar o calçamento constitui, certamente, uma das mais antigas preocupações. Jean-Noël Biragen ressaltava que ela se manifestava já no século XIV, notadamente na época da peste negra em Narbonne.²¹ Ao longo dos anos, a estratégia se refinou. Em 1665-1666, o medo da epidemia dá ocasião a que se limpem as

ruas de Amiens;²² as autoridades decretam a retirada das lamas e do lixo, suscetíveis de espalhar "o ar ruim". Quando o mal se instala, em 1669, multiplicam-se as medidas sanitárias de luta contra a infecção; decide-se abater o gado e as aves; ordena-se escavar latrinas em cada casa. A situação de Amiens é exemplar. Pierre Deyon relewa práticas idênticas na região de Agen, bem como no vale do Ruhr e na região de Anvers.²³

No século XVIII, é bom que se repita, faz-se mais preciso o policiamento sanitário, visando tornar-se cotidiano. Em 1779, a limpeza das ruas de Paris torna-se tema de concurso científico. O problema dos esgotos já suscita um debate permanente.²⁴ Os projetos abundam, tendendo a aprisionar e a evacuar o lixo. Depois da do excremento, a privatização do dejeito passa a inspirar os autores. Chauvet prega o modelo de Lyon. Nesta cidade, "mantêm-se, em cada andar das casas, caixas onde se guardam o resultado das varreduras; camponeses dos arredores vêm regularmente, todas as semanas, retirá-las...".²⁵ Tournon propõe substituir as pedras, ao pé das quais se depositam os lixos, por recipientes de ferro, ocios em seu interior; recomenda, além disso, a edificação, perto de cada casa, de uma pequena guarita, no nível da fachada e do calçamento, em forma de respiradouro e com "porta deslizante".²⁶

Os reformadores projetam evacuar, ao mesmo tempo que o lixo, o vagabundo, os fedores da inundície e da infecção social. Bertholon propõe que se utilizem os mendigos para varrer as ruas.²⁷ Chauvet quer reservar para esta tarefa os pobres e os enfermos.²⁸ Berna, observa com admiração Lavoisier em 1780, é a cidade que melhor se mantém limpa. Os forçados "arrastam todas as manhas, pelas ruas (...), grandes carroças de quatro rodas por um timão ao qual se acham acorrentados; correntes mais longas e mais leves mantêm ligadas às mesmas carroças mulheres condenadas pela justiça (...); uma metade dessas mulheres varre as ruas, enquanto a outra metade enche a carroça com as inundícias".²⁹ Mathieu Géraud propõe confiar à forçados portadores de números, entravados por uma bola de ferro, o cuidado de purificar a cidade. "Varruntiam as

ruas e encheriam com a lama os caixões arrastados por seus camaradas. Retirariam também a vasa dos esgotos, dos poços, retirariam cadáveres de animais grandes, como cavalo, mula etc., e pequenos, como cães e gatos, retirariam junto com as lamas, para onde geralmente os jogamos." 30 A cada dia, retirariam o tonel onde se guardam os dejetos e os excrementos da casa e colocariam no lugar o tonel da véspera, já bem lavado.

Arlette Farge e Pierre Saddy 31 analisaram o discurso repetitivo dos decretos sanitários. Esgotar os córregos que fluem no meio do calçamento por meio da proibição das goteiras que transbordam (1764), proibir que se joguem matérias e líquidos, 32 impor que se varram as frentes das portas, garantir 33 que se molhem os passeios, as pontes e os cais, fazer coletar todas as manhas em carros bem fechados os lixos domésticos depositados perto dos locais assinalados, reformar as técnicas de limpeza, generalizar o sistema de cloacas; tais são as principais medidas que ascalonam esse "ciclo das imundícies" que se tenta estabelecer.

A vontade de revolucionar a limpeza de fossas constitui o elemento essencial da nova prática sanitária. Sabemos a razão. Desde o decreto de 8 de novembro de 1729, os mestres limpa-fossas gozam de um monopólio. Em compensação, estão submetidos a regulamentos cada vez mais precisos. O decreto de 31 de maio de 1726 os proíbe de fazer escoar as matérias nos córregos das ruas, bem como de jogá-los no Sena ou nos poços. Os *compagnons* * devem evitar o uso de tonéis perfurados, são instados a varrer, lavar e limpar o terreno após sua passagem e devem trabalhar somente à noite. São obrigados a dirigir-se diretamente aos condutores e a evitar pararem em cabarés. Catálogo de injunções que permite identificar os abusos e discernir a gênese do regulamentarismo futuro; tanto é verda-

(*) *Compagnon, compagnonage*, ref. à corporação de artesãos itinerantes. (N.T.)

de que este encontrará seu campo de experiência entre os operários da imundície.

Em 1777, 34 a desinfecção das fossas é posta em curso. Mais de vinte sábios, 35 e não dos menores (Fourcroy, Guyton de Morveau, Hallé, Lavoisier, Parmentier, Pilâtre de Rozier ...), participam dos trabalhos e tentam, graças à análise dos gases méfíticos, descobrir o melhor dos desinfetantes. Trata-se de desativar os fedores e assim garantir a inocuidade da drenagem.

A evacuação da imundície, sem a utilização de água, implica uma extensão de condutores destinados a receber, de um lado, as lamas e dejetos domésticos e, de outro lado, os excrementos e as carniças. Enquanto os depósitos de lixo se multiplicam na capital, as cloacas do *faubourg Saint-Germain* e do *Enfant Jésus (faubourg Saint-Marceau)* são suprimidas (1781). Desde então, começa o longo monopólio excrementício de Montfaucon. Sabe-se o quanto sua existência se tornará objeto de obsessão.

Esse policiamento sanitário, de início apresentado como uma luta contra os odores nauseabundos, revela-se por enquanto sem grande eficácia, pelo menos em Paris. O único progresso de alguma importância concerne à limpeza de fossas. De resto, a se acreditar nas descrições, o fedor só faz piorar. As ruas da cidade eram menos sujas há vinte anos, escreve Ronesse, em 1782. 36 A multiplicação dos carros, a supressão das goteiras salientes que desaguavam no "córrego" e o envolvimento das lojas, que conduziram os comerciantes a negligenciar a obrigação de varrer as frentes das portas, explicariam o progresso da imundície. Restaria medir aquilo que esta análise deve às novas exigências sensíveis.

A *ventilação* constitui doravante o eixo da estratégia higienista. O fluxo que se deve controlar, antes de mais nada, é o do ar. Mais ainda do que drenar a imundície, é assegurar a circulação do fluido aéreo, o que melhor corresponde ao medo da estagnação e da fixidez, associadas à frieza e ao silêncio do túmulo. 37 O aerismo neo-hipocrático encontra sua justificativa teórica. A ventilação, e eis a primeira de suas virtudes, restaura

a elasticidade e a qualidade anti-séptica do ar.³⁸ Além disso, como Hales ressalta,³⁹ o movimento atmosférico purifica e desodoriza, devido à agitação que lhe comunica, a água corrompida pela estagnação. Ventilar, é por fim, varrer as baixas camadas do ar,⁴⁰ "constranger a selvagem circulação dos miasmas",⁴¹ controlar o fluxo mórbido lá onde a natureza não pode exercer livremente sua regulação. A desodorização virá sancionar esse domínio das correntes.

A ventilação obcecante permitirá esta permanência do olhar, tão acentuada por Michel Foucault. Vigiar e controlar a circulação dos fluxos aéreos manifestam parentescos evidentes: tanto um como outro implicam a luta contra o canto obscuro onde estagna o ar viciado. Mas há coisas mais importantes para nosso propósito do que os laços que interligam o silêncio olfativo e a vigilância dos comportamentos. Quando a ventilação tiver tomado em consideração a nova espacialidade dos corpos, quando se revelar capaz de preservar os odores do outro,⁴² poderá ser estabelecido esse confronto permanente entre o indivíduo e os seus odores, base para a mola do narcisismo. É esta a história que precisamos abordar.

A utilização dos ventos, o uso das máquinas, notadamente o do fole, e a aspiração forçada em direção a uma fonte de calor coexistem na prática. Em 1713, Gauger publicava sua *Mecânica do fogo*, livro sem grande alcance prático de imediato, mas que logo iria se tornar obra de referência. O primeiro dos objetivos do sábio francês era o de aquecer e ventilar ao mesmo tempo, graças ao domínio dos fluxos que se organizam em torno do núcleo de fogo da chaminé, da biblioteca do castelo, do quarto das senhoras e do quarto dos doentes da aristocracia. Gauger visa de início o espaço privado. Propõe tornar mais confortáveis os trabalhos de recreação e de lazer intelectual dos grandes. Restaurando a elasticidade do ar, ele ambiciona refrear as doenças femininas. Em 1742, Arbuthnot adota o mesmo procedimento. "O bom ajustamento do ar", a seu ver, constitui apenas um dos ramos do regime e só concerne ao quarto do doente.

O segundo terço do século revelase decisivo. Em 1736, Desaguliers, inspirado por Téral e por Gauger, que ele traduz para o inglês, consegue renovar o ar da Câmara dos Comuns por meio de um ventilador de força centrífuga, apresentado sob a forma de uma roda de fole. O duque de Chandos instalará duas dessas máquinas em sua biblioteca; deverão funcionar por mais de um quarto de século. Em 1739, Samuel Sutton propõe que se ventilem os navios com a força gerada por fornos instalados no coração da embarcação.⁴³ Dois anos mais tarde, Hales e o suco Martin Triewald adotam o fole e constroem ventiladores mecânicos.

Até o final do século, as pessoas se contentam em discutir os respectivos méritos dos diferentes processos e em optar, timidamente, por um deles. Em 1741, o aparelho de Triewald é posto em experiência na frota sueca, com sucesso; o aparelho de Hales funciona em várias minas de carvão; é também utilizado no hospital de Winchester⁴⁴ e nas prisões de Newgate. Aqui, a ventilação é conseguida com um moinho colocado sobre o teto das edificações e, na falta de vento, com o "braço dos homens ou com o recurso de animais".⁴⁵ O sopro produzido é reservado aos "prisioneiros inocentes". Sutton experimenta seu aparelho em dois navios, em Deptford e em Portsmouth; desde 1741, o engenho é adotado em várias embarcações da marinha inglesa.⁴⁶ Na França, o visconde de Morogues e Duhamel du Monceau (1759) tornam-se, embora sem sucesso, propagandistas das novas máquinas; aconselham que sejam instaladas nos barcos do rei.

De fato, o ventilador das fossas sépticas, destinado a tornar inodoras as limpezas das fossas, permanecerá sendo o único aparelho suficientemente difundido, ao menos na capital. É utilizado antes de se começar a operação. Trata-se de um gabinete de madeira, contendo vários foles, que é colocado na abertura da fossa. "O vento é levado até ela por três tubos, dois dos quais horizontais."⁴⁷ Os vapores são expulsos a grande altitude, "fora do alcance dos sentidos". Sua eficácia revela-se indiscutível. Graças ao ventilador, "a limpeza das fossas — pretende

o seu inventor — tornou-se uma operação (...) que mal se percebe na casa onde se faz o trabalho".⁴⁸ Os membros da comissão formada em 1778 para observar seus efeitos o confirmaram.

Além do uso do leque, que substitui o mais sumário dos ventiladores, práticas heteroclitas asseguram, segundo o caso, a aeração do espaço público, bem como do espaço privado. Certos médicos⁴⁹ aconselham que se agitem violentamente os lençóis a fim de renovar o ar do quarto dos doentes. Ingenhousz propõe que se faça funcionar simultaneamente as portas do apartamento para provocar correntes de vento.⁵⁰ Sua proposta, freqüentemente retomada, será vivamente criticada; sua eventual eficácia suscita polêmica. Howard declara-se a favor dela e aconselha que se estenda essa prática aos hospitais.⁵¹ Banau e Turben propõem que se plantem plátanos, choupos, olmos e bétulas às margens dos pântanos; e mais árvores de ramada ampla, cujo cimo móvel varre, segundo eles, as camadas baixas da atmosfera.⁵² Com a mesma finalidade, aconselham que se instalem, nesses lugares pútridos, moinhos de vento com rotação horizontal; pensam mesmo em montá-los sobre carrretas, para com isto beneficiar outros setores da região máisã. Bau- mes⁵³ prefere os foles ou o moinho do tipo daquele que fora instalado em Dresde a conselho de Forestus. Monfalcon lembra que um médico da região de Bresse havia então proposto "a dança como um meio excelente de neutralizar os efeitos funestos das emanções pantanosas".⁵⁴

A circulação de veículos no interior da cidade é objeto de análises espantosas. O carro revela-se, a bem dizer, um engenho ambíguo: refúgio contra as emanções da multidão,⁵⁵ é também local de confinamento e, portanto, demasiado perigoso para os indivíduos que nele entram; tanto mais que os solavancos que o agitam incomodam a digestão e seu uso abusivo apressa o aparecimento da gota e dos reumatismos.⁵⁶ Na escarapela da cidade, os veículos tornam-se ventiladores, e assim seria conveniente favorecer sua multiplicação.⁵⁷

Os abalos da atmosfera pelo sino e pela deflagração do ca-

nhão continuam sendo grandes meios de ventilação quando a ameaça pútrida se exacerda. Navier considera que a saúde do soldado era pior na época em que ele combatia com armas brancas. O canhão purifica e desodoriza o ar dos campos de batalha, empestado por cadáveres e carniças.⁵⁸ Por um inesperado desvio, torna-se agente de salubridade. A varredura da atmosfera por meio de explosão desinfeta. Jean-Noël Biraben observa que, a partir do século XVII, as fumações aromáticas são reforçadas pela adição de enxofre e freqüentemente de pólvora de canhão.⁵⁹ Baumes pretende purificar o ar dos pântanos minando o terreno.⁶⁰ Banau e Turben declaram-se favoráveis à ação de baterias superpostas.⁶¹ Em 1775, explode-se pólvora no interior da igreja Saint-Étienne de: Dijon a fim de rechegar o mau cheiro dos cadáveres.⁶²

Tudo aquilo que corresponde à vontade de controlar os fluxos aquáticos concerne também à ventilação. Entre o ar e a água estabelecem-se trocas salubres. O vento saneia os rios e as represas; agitar a atmosfera dos pântanos assegura a salubridade das águas; remexer o conteúdo de um vaso já é purificá-lo. Inversamente, a queda d'água continua sendo o melhor dos foles. A agitação da correnteza se comunica à atmosfera. Banau e Turben, que marcam o último estágio do fantasma da ventilação, recomendam a instalação de cascatas no centro das represas, provocar jatos, suscitar esguichos aquáticos. Aconselham também instalar pequenas quedas d'água nas extremidades da mesa da sala de jantar e encorajar a criação de peixes vermelhos devido à agitação que estes comunicam à água do aquí- rio!⁶³

O leito do rio, ponto de concentração dos fluxos, contribui para a salubridade da cidade. Bem estruturado, pode tornar-se um dos mais eficazes reguladores. Encerrar o Sena entre dois sólidos alinhamentos de cais, forçá-lo desse modo a uma agitação permanente e salvadora, impedir por esse meio a estagnação nauseabunda, e portanto noivá, das carniças e das imundícies, é assim que se configura um dos sonhos mais insistentes dos higienistas parisienses. Bruno Fortier ressaltou a

multiplicidade de projetos destinados a controlar e a mobilizar as massas de água.⁶⁴ A circulação dos sopros aéreos engendrados pelo leito do rio assim canalizado merece tanta atenção quanto a amplitude e a velocidade das correntes aquáticas.

O papel dos arranjos destinados a dominar e a organizar os movimentos naturais do ar vence os procedimentos do fole e do forno de aspiração. O único ventilador largamente utilizado nos navios, mesmo no seio da frota inglesa, é ainda a vela de ventilação, que faz o ar se engolfar nos flancos do navio. Apesar de seus evidentes inconvenientes, já que não pode funcionar em calmaria e diminui a marcha dos barcos, o ventilador a vela satisfaz os marinheiros; estes se opõem por muito tempo à sua substituição. É também utilizado em alguns edifícios coletivos; Howard observa sua utilização na prisão de Maidstone.⁶⁵

A proteção sanitária pela ventilação continua a organizar a profilaxia. Desde séculos, as "cabanas", "barraços" e "tendas" instaladas fora da cidade, em locais ventilados e fáceis de desinfetar pelo fogo, serviam para refrear a marcha da epidemia. Até se amontoavam os doentes.⁶⁶ Até meados do século XIX, a "sala de ventilação" continua a ser, juntamente com a "sala dos perfumes", uma das peças mestras dos lazaretos. Os objetos suspenso, uma vez desembalados, eram aí submetidos às correntes purificadoras.

Conhece-se a influência exercida pelas teorias aeristas na arquitetura das Luzes. O funcionalismo e o utilitarismo nascentes entram em competição com a tradição culturalista, ou ao menos modificam sua significação. Os autores de projetos ambicionam "utilizar (...) somente os recursos da arquitetura para captar, fazer circular e rejeitar o ar".⁶⁷ O desenho do edifício deve conduzir à divisão entre as exalações pútridas e as correntes de ar fresco, da mesma forma como deve permitir a distinção entre águas puras e águas usadas. O próprio corpo do edifício poderia tornar-se em objetivo os usos antigos. A cúpula e o domo transformam-se em máquinas; sua missão é aspirar os miasmas; provocam invisíveis espirais nauseabundas, que os

experts sobem para respirar nos telhados. O grau de mau cheiro deve permitir medir a eficácia do arquiteto. O hospital de Lyon, neste aspecto, é modelar.⁶⁸ Soufflot concebeu uma sala abobadada, cuja forma elíptica permite eliminar os cantos estagnantes e estabelecer correntes de ar ascendentes.⁶⁹

A arcada tem de agora em diante a finalidade de permitir a aeração da parte inferior dos edifícios e de interromper os batios. O pórtico garante a ventilação, ao mesmo tempo em que permite ao viandante proteger-se dos caprichos do ar livre. O alargamento das portas e janelas, o sistema, tão freqüentemente defendido, das aberturas opostas, alargamento de corredores,⁷⁰ a crítica contra as torres e contra as escadarias em caracol, consideradas como tubos de aspiração dos fedores, manifestam a acentuação das obsessões aeristas. Os arquitetos preferem os alçapões, respiradouros, postigos móveis. A necessidade de ventilação tende a relegar a um segundo plano a do aquecimento. Howard chega a condenar o vidro,⁷¹ cujo uso entretimentos se expande.

Essa obsessão leva ao combate do duplo perigo dos porões, subterrâneos ou câmaras escavadas, submetidas às emanções do solo e privadas da necessária circulação do ar. O antro atroziza. É assim que se começa a pregar o abandono do térreo em favor do primeiro andar. Baumes estima que conviria forçar o povo a se instalar aí.⁷² Tais convicções suscitam uma nova crítica das formas rurais de habitação. Os conselhos dos higienistas passam a ser ouvidos. A arquitetura o atesta. Em seu esboço consagrado à cidade de Caen, Jean-Claude Perrot nota o esboço de uma migração para os andares.⁷³ Os apartamentos recém-construídos são mais bem ventilados do que as antigas habitações. Claude-Nicolas Ledoux exalta os degraus, que permitem o acesso aos edifícios em elevação; símbolos de grandeza, também atestam a crença na virtude purificadora do ar.

No interior da casa, e pelas mesmas razões, reconsidera-se a disposição do mobiliário. O leito se torna objeto de uma atenção particular. Poder deslocá-lo, insiste Howard, constitui o primeiro dos imperativos. É importante que as camas estejam

frescas, limpas, afastadas umas das outras. Na sua opinião, é preciso colocá-las no meio da peça e isolá-las do contato com o solo. Para isto, Tenon propõe a cama de ferro — já que a madeira se impregna — com um fundo móvel atado ao estrado.⁷⁴ A maca gozará, por conseguinte, de grande moda nos estabelecimentos penitenciários, pois responde às necessidades de ventilação, ao mesmo tempo em que preserva o espaço de trabalho. Modelos estranhos são propostos: assim, as camas de ferro utilizadas no orfanato de Anvers são muito altas, e são colocadas no centro da sala.

Acrecenta-se a esse tema utilitarista a utopia. O desamontoamento, outro grande imperativo dos higienistas, poderia permitir o controle das emanações individuais, fim último do distanciamento dos corpos. Le Roy propõe que se instale uma evacuação particular para cada leito de hospital.⁷⁵ O doente, banhado em sua atmosfera, estaria então protegido contra os odores do outro não por meio de uma barreira, mas pelo domínio dos fluxos. O arquiteto desenha então a antítese da cama fechada. Eis o mais revelador dos projetos no sentido da reviravolta que está se operando. É ele que, no século seguinte, inspirará o debate sobre a ventilação das celas dos prisioneiros.

Convicções idênticas comandam, como se sabe, o urbanismo das Luzes, sobretudo no tocante à ordem dos projetos. A cidade saudável, difundida pelo abade Jacquin, em 1762, será construída em uma encosta; a ausência de muralhas altas permitirá ao vento “varrer vapores e exalações”;⁷⁶ as profissões responsáveis pelos maus cheiros (curtidores, pissoeiros, tintureiros) serão rechaçadas para fora dos muros, bem como cemitérios, hospitais e açougues. As manufaturas serão instaladas nos arrabaldes; ruas largas e vastas praças semeadas de fontes de água facilitarão a circulação do ar. Pelas mesmas razões, Gérard apela para a “derrubada dos muros de nossas cidades”.⁷⁷ É preciso elevar as ruas, escreve Baumes; para tanto, poderiam ser utilizadas as ruínas e os materiais de casas inabitadas.⁷⁸ O hospital modelo, que suscita inúmeros projetos, desenha-se como um pavilhão, como uma “ilha no ar”.⁷⁹ A cidade ideal de Clau-

de-Nicolas Ledoux, bem analisada por Mona Ozouf, marca a influência da corrente aerista com um talento excepcional.⁸⁰ Casas e edifícios públicos de Chau são “independentes de qualquer aderência”. Evidência funcional, insalubridade dos edifícios e simetria — a qual também responde, ao menos parcialmente, a um imperativo higienista — asseguram, além da salubridade, a legibilidade imediata da cidade e o agrado visual do espectador.

A declaração de 10 de abril de 1785 manifesta o desejo de realizações concretas. A luta, neste aspecto, é travada sobretudo contra o ar ruim. São estabelecidas normas para que a circulação do fluido não seja bloqueada; concernem notadamente à largura das ruas e à altura das casas. É difícil medir o grau de sua aplicação. Maurice Garden, no entanto, constata que, no mesmo período, as vias de circulação da cidade de Lyon são alargadas.⁸¹

DESAMONTOAR. DESINFETAR

Desamontoar as pessoas e proceder a um novo recorte no espaço dos equipamentos urbanos surge como o recurso para completar o trabalho da ventilação, para dominar o fluxo das exalações e para impedir o efeito morbífico das emanações sociais.⁸² O amontoamento dos corpos, desafio permanente ao equilíbrio natural, impõe um policiamento sanitário capaz de estabelecer normas reguladoras. Essa atenção voltada para o problema das distribuições⁸³ confere um papel essencial à ofeção.

A espacialidade dos corpos será definida pela medida das exalações. As intolerâncias sensoriais que nós relevamos irão reger os espaçamentos necessários. Inversamente, esse distanciamento conduzirá, ao longo de décadas, a uma atribuição de lugares, a qual acarretará a progressiva destruição da confusão olfativa que frequentemente reinava tanto no espaço privado quanto no público. A privatização do dejecto tenderá a conter os

odores excrementícios em locais confinados. Colocada de lado qualquer noção de intensidade, os odores da cozinha pouco a pouco deixarão de se confundir com os do espaço íntimo, os do hospital deixarão de se confundir com os da prisão.

Meio século mais tarde, Villermé tirará todas as consequências sociais deste novo objetivo que ressalta, por enquanto ainda em confusão, os fabulosos perigos da promiscuidade pútrida e fúlgida.⁸⁴ A atração pela presença sensível, quente e confortável do outro será submetida abertamente a anátemas fulminantes. A crítica contra os aquecedores de prisão, feita por Howard, prefigura a crítica contra as casas operárias; será preciso voltarmos à questão.

Georger Vigarello⁸⁵ nos leva a crer que foi no seio do exercício que se operou de início esse distanciamento dos corpos, por intermédio da pedagogia das posturas e da determinação de ordens coletivas. De qualquer modo, a batalha do desamontamento foi travada em volta da cama individual e da tumba. Havia tempos que Jean-Louis Flandrin sublinhara a importância dessa quadra.⁸⁶ A história da cama no século XVIII constitui somente uma etapa daquele longo processo de privatização do dormir, cujo ponto de partida é fixado por Philippe Perrot no final do século XVI, quando da volta da camisola de dormir.⁸⁷ Para certos indivíduos dotados de uma sensibilidade ainda minoritária, a promiscuidade e o calor do leito coletivo são percebidos através das exalações intoleráveis do outro. O leito individual implica, mais ou menos a longo termo, uma atenção exclusiva aos odores do eu; permite o devaneio narcísica prolongado; incita ao monólogo interior, impõe a moda do quarto personalizado. Os despertares do Marcel Proust-criança não poderiam ser concebidos sem esta revolução.

Todos os especialistas, de Robert Favre a Jacques Guillerme, de Michel Foucault a Bruno Fortier, reconheceram claramente o papel determinante do hospital na definição das novas normas. É nesse ponto e momento que a cama individual se torna território e se transmite em unidade espacial. A importância do papel de Tenon⁸⁸ surge aqui com evidência. O té-

rico dos hospitais justifica, pelo metabolismo, a necessidade da reforma. É preciso que se deixe cada doente operar livremente sua evolução térmica; é então importante evitar que o amontamento num mesmo leito crie um calor médio, que se revelaria logo nocivo a cada um dos indivíduos aos quais uma tal promiscuidade estivesse imposta.

O hospital de Lyon é mais uma vez o modelo. Em 1780, quando do primeiro ministério de Necker, um novo regulamento do Hôtel-Dieu prescreve camas individuais. No dia 15 de novembro de 1793, uma decisão da Convenção impõe esse princípio, aplicação lógica da Declaração dos Direitos do Homem. O mesmo objetivo norteia a estratégia dos cuidados a domicílio que então se tenta promover; ela permite por um certo tempo a esperança de se ver desaparecer o hospital.⁸⁹

Por volta da metade do século XVIII, emerge a reivindicação da tumba individual.⁹⁰ Que se reserve a cada morto uma fossa, e os cemitérios cheirarão menos. Aquilo que por enquanto era apenas um argumento de higiene logo se tornará imperativo de dignidade e de piedade. A idéia será dominante desde o início do século seguinte, portanto mais rapidamente do que o princípio da cama individual. Inspirando-se na teoria de Maret segundo a qual raios morbíficos são irradiados dos cadáveres, Vicq d'Azyr⁹¹ solicita que os corpos estejam separados por ao menos quatro pés de distância, para que os raios emanados não se misturem.

O desejo de desamontar os cadáveres, de início acantonado à ordem dos discursos, será traduzido em fatos antes mesmo da Revolução. A esse respeito é exemplar a grande mudança dos mortos empilhados no cemitério dos Inocentes, verdadeira epopéia da qual Thourret se tornou o chantre fascinado.⁹²

Já que o ar puro constitui o melhor dos anti-sépticos, já que as emanações que se elevam dos corpos e do lixo encarnam a ameaça pútrida, ventilar, drenar a imundície, desamontar os indivíduos já é desinfetar. Palavra tão ambígua quanto *infectio*, que significa ao mesmo tempo a natureza morbífica e o fétido do ar viciado, o primado de um modo de contaminação e a

ruptura do equilíbrio orgânico. Entretanto, outras práticas também tiveram por finalidade destruir os miasmas e restituir as qualidades primeiras de uma atmosfera contaminada. Essa desinfeção tem sua história, que não poderia ser reduzida à história do arômata.

No final do século XVIII, antes que se imponham as descobertas de Lavoisier, os químicos procuram febrilmente o *antimético* que se revelará capaz de vencer ao mesmo tempo o mau cheiro, o poder asfixiante e o risco mórbido.⁹³ Essa busca acelera a promoção do desinfetante/desodorizante químico. O essencial dos textos e dos debates que ela suscita gravita em torno das ameaças excrementícia e cadaverosa.

As vésperas da descoberta dos mecanismos da combustão, permanece ainda intacta a confiança no poder desinfetante do fogo. Jean-Noël Biraben até mostra o quanto cresceu, a partir do século XIV, o domínio dessa antiga convicção hipocrática. Em 1348, queima-se todo um bairro de Bordeaux para purificá-lo; no século seguinte, as autoridades municipais decidem incendiar, com a mesma finalidade, várias casas da cidade de Troyes.⁹⁴ As grandes fogueiras acesas em Paris durante o inverno de 1709 para aquecer os pobres sem dúvida rechaçaram o escorbuto, ou ao menos é o que se diz. Por essa razão, Navier recomenda, em 1775, a multiplicação de fogueiras na capital.⁹⁵ No dia 2 de agosto de 1720, quando da grande peste, a conselho dos Sicard, pai e filho, a municipalidade de Marselha decreta que se queimem, durante três dias, as muralhas, as praças e as ruas; "gigantesco auto-de-fé médico"⁹⁶ que leva a cidade a uma penúria de lenha. O costume exigia que se queimassem, após a epidemia, as *cabanas*, as *barracas* e as *tendas* que tinham servido de refúgio aos doentes expulsos. Sabe-se que, até sob a Revolução, persiste a prática de incendiar os navios contaminados.

Depois de Lancisi, todos os especialistas dos pântanos aconselham que se multipliquem aí as fogueiras, principalmente quando os operários estão procedendo à drenagem ou à extração da vasa. Navier pede que se acenda fogo quando se de-

cide pela exumação de um cadáver. O próprio Lavoisier recomenda, em 1780, esse procedimento, segundo ele apto a purificar o ar das prisões.⁹⁷ Duhamel du Monceau prevê que se desintefem as roupas velhas dos marinheiros em estufas.⁹⁸ Em 1788, Thouret prega a fabricação da *poudreite*, excremento em pó, por dessecação.⁹⁹

Os sábios não atribuem à água o mesmo poder desinfetante, pois é mais difícil impedir sua estagnação; além do mais, a umidade revela-se mais perigosa do que o ressecamento.¹⁰⁰ É certo que Lavoisier recomenda lavar as prisões, mas que seja com precaução. No entanto, como consequência de seus trabalhos, desenvolve-se a confiança na água de cal, primeiro entre os desinfetantes químicos, cujo poder desodorizante é apreçoado tanto por Baumes quanto por Howard. A combustão da cal desinfeta o espaço. Banau e Turben propõem a multiplicação dos fornos nas regiões pantanosas.¹⁰¹ A mistura composta por Marcoret para lavar as paredes das casas e neutralizar sua putridéz fez maravilhas nas latrinas de Narbonne. Howard asperge as paredes de seu quarto com cal.¹⁰² Ele reserva um lugar de prestígio para esse produto dentro da estratégia de desinfeção que propõe.¹⁰³

Laborie e Parmentier constatam que a cal desodoriza os resíduos acumulados nas fossas sépticas.¹⁰⁴ Segundo M. d'Amhounney, secretário da Academia de Rouen, fazer infusão do produto em matéria líquida quadruplica seu valor de mistura; acrescenta que, "por essa mescla de cal, o odor das matérias se dissipa absolutamente, e o que resta é um odor próximo ao do mel".¹⁰⁵ A cal desodoriza também os cadáveres; ela acelera a putrefação das matérias animais e se combina com o "ar principal" que se desprende dos corpos. Ela dissolve os miasmas, impedindo-os de se elevarem na atmosfera, ela "acorrenta as emanações funestas".¹⁰⁶ Sua ação continua até que o cadáver esteja destruído. Em 1785, por ocasião de uma exumação efetuada em Dunkerque, o uso do leite de cal suspendeu temporariamente as emanações.¹⁰⁷

Mas voltemos ao que é essencial. No começo do ano de

1773, decide-se evacuar os corpos sepultados nos subterrâneos da igreja de Saint-Etienne de Dijon. O fedor é tal que a detonação de nitro, fumações, braseiros aromáticos e a aspersão do piso com *vinagre dos quatro lados* não bastaram para destruí-lo. As casas vizinhas foram infectadas, as febres rondam. Consulta-se Guyton de Morveau. No dia 6 de março à noite, ele prepara uma mistura de seis libras de sal e dois litros de ácido sulfúrico concentrado e depois procede a uma fumação de ácido muriático. O sucesso é total: "No dia seguinte, ao se abrir tudo para fazer entrar ar, não havia mais vestígio de mau cheiro".¹⁰⁸ Quatro dias mais tarde, regulamentam-se os ofícios. Guyton acabara de descobrir um "novo meio de purificar absolutamente, e em muito pouco tempo, uma massa de ar infectado". Estava inaugurada a revolução olfativa.

No final do ano, a febre das prisões faz 31 mortos na interior da penitenciária da cidade. Guyton procede a suas fumações. No dia seguinte, se acreditarmos nele, "todo o odor pútrido havia desaparecido, tanto que um aluno de cirurgia ofereceu-se para colocar aí uma cama e passar a noite". A partir do ano seguinte, Vicq d'Azyr aconselha o emprego do ácido muriático para desinfetar os estábulos do Midi (sul da França), assolado pelas epizootias.¹⁰⁹ Entretanto, as fumações guytonianas serão muito pouco utilizadas antes do Consulado.

Considerado como materialização do miasma, o cheiro se identificava até então à ameaça morbífica. Mesmo permanecendo persuadido do fato de que ele manifesta essa "espécie de potência assimiladora" que "constitui" os compostos de uma substância pútrida em germes nocivos, Guyton vê nele a proximidade de um corpo cuja destruição por transmutação química precisa ser acompanhada. A desodorização completará o sucesso, isto é, completará o surgimento de um corpo novo.

Não se trata mais de mascarar, mas de destruir o odor nauseabundo; "a diferença é grande aos olhos do químico, que vê no odor mascarado apenas o produto confuso de uma mistura cujas partes tendem continuamente a se desagregar; ao invés disso, a destruição do odor é o resultado de uma combinação

através da qual o corpo odorante ou é decomposto ou encadeado numa base que muda suas propriedades".¹¹⁰ As descobertas de Lavoisier permitirão a Guyton refinar ulteriormente sua teoria; que apressem a combustão de substâncias pútridas e miasmáticas.

Sem que tivesse havido, ao que parece, conhecimento dos resultados obtidos pelo químico francês, o dr. James Carmichael-Smith chega, em 1780, a resultados quase idênticos graças às fumações de ácido nítrico. Seu método, utilizado em 1795 a bordo do Pimen e do Revel, navios da esquadra russa devastada pela epidemia, permite também "a destruição dos maus cheiros e a melhora do ar".¹¹¹ No ano seguinte, Carmichael-Smith desodoriza, com sucesso, o hospital militar de Forton.

OS LABORATORIOS DAS NOVAS ESTRATEGIAS

Os locais de amontoamento de pessoas atraem a atenção dos higienistas; eles impõem a urgência de uma ação global de rugulação. Elaborar-se aqui uma estratégia de desodorização dos corpos e do espaço que, meio século mais tarde, será transposta à casa do camponês e à moradia do operário. A tenda do soldado, o navio, o hospital e a prisão tornaram-se os laboratórios onde se experimenta a futura desodorização do espaço privado.

Ao lado do grande papel desempenhado pelos hospitais militares nesse processo, é no seio dos exércitos, ao que parece, que timidamente são elaboradas as primeiras normas de higiene corporal, notadamente sob a influência de Pringle. Com a finalidade de acabar com as emanações nauseabundas, Colombier pede, em 1779,¹¹² que o soldado mude de roupa ao menos uma vez por semana e, ao menos duas vezes, que mude as meias. Convém no entanto evitar exagerar a importância desse esforço disciplinar. As ordens, livros de ordem, textos regulamentares etc. são, nesse ponto, de uma extrema discreção, o que traduz

a parcimônia das práticas. Os desertores que tentam justificar seu ato não se referem nem às más condições de higiene do acantamento nem à recusa de disciplinas mal toleradas; silêncio que faz supor ao mesmo tempo a negligência dos quadros e a desenvoltura dos soldados. 113

Levando-se em conta a urgência, o navio precisa, aos olhos dos médicos, mutar-se num modelo de higiene. Desde 1785, Lind aplica-se a codificar sua salubridade. 114 Na França, o visconde de Morogues define com a mais alta precisão essa higiene marítima. Aconselha que se bombeie freqüentemente a água da sentina para atenuar seu mau cheiro. Proíbe refeições na entreponte; ordena que se cerceiem sem trégua as imundícies. Os membros da tripulação deverão lavar-se e pentear-se; o capitão ordenará com freqüência a "arrumação, para fazer as roupas dos marinheiros tomar ar". 115

O navio de Cook impõe-se como a suprema referência: é que seu capitão soube com perfeição "destruir durante a travessia todos os germes pestilenciais inerentes tanto à tripulação quanto aos objetos". 116 Cook inspeciona constantemente a limpeza; manda colocar leitos e cobertas no convés toda vez que o tempo ficava bom; cuida para que cada fardo seja aberto e todo o seu conteúdo exposto ao ar para que seja efetuada a evaporação dos miasmas durante o trajeto. Inspetiona as provisões para precaver-se contra germes pútridos. Ordena que se ventilem as velas de reserva e quaisquer tecidos passíveis de se impregnarem. Os víveres são colocados no fundo do porão; "durante a viagem, as escotilhas são solidamente calafetadas e cada fenda hermeticamente fechada com piche". 117 Uma separação estrita é feita entre as emanções da carga e as da tripulação. O navio de Cook, antiqüidade do navio-fantasma assolado pela pestilência que subira do fundo do porão, configura-se, em miniatura, como a primeira das cidades higiênicas. Aqui, as pessoas estão preservadas contra as efusões miasmáticas; o ar e o fogo desarmam toda a ameaça aquática.

Em terra, é ao hospital, e primeiramente ao hospital mili-

tar, que cabe essa função de modelo. Michel Foucault e François Béguin mostraram muito bem como ele tende então a se transformar numa máquina de distribuir ar e de expulsar miasmas. Desde 1767, Boissieu enuncia com clareza a nova estratégia: os feridos, amontoados nos hospitais, morrem por causa da putridéz do ar: "para diminuir a quantidade de exalações, é preciso não encher os quartos e salas de hospitais; afastar deles, com todo o cuidado, tudo aquilo que puder infectar e dar atenção à mais estrita limpeza. É renovando o ar que se rechaçarão as exalações perniciosas. (...) Os domos, a abertura dos tetos, dando para o andar superior, o fogo nas chaminés e não mais nos aquecedores, a máquina de Sutton e os ventiladores de Hales" 118 darão uma saída para o ar. A fim de facilitar o afluxo daqueles que se acham no exterior, portas e janelas serão abertas, serão espalhadas ventoinhas, serão instaladas tubulações junto a cada leito. Enfim, se procederá às fumaças. 119

Vinte anos mais tarde, a estratégia definida por Jean-Noël Hallé visa primeiramente à desodorização. Após ter reiterado os conselhos formulados por Boissieu, o pai da higiene pública apregoa uma luta sistemática contra os fedores. "Os doentes não conservarão suas roupas; as cortinas de leito serão em tela, as cadeiras serão bem asseadas e fechadas, as latrinas estarão dispostas de maneira a não provocarem nenhum cheiro, tudo será varrido com freqüência, principalmente após refeições e curativos, a água será utilizada com circunspecção e a areia será empregada, de preferência, para limpar o assoalho." 120

Numerosos projetos inspiram-se nessas concepções, principalmente quando, em 1787, a Academia de Ciências convoca os arquitetos. 121 Pretende-se "formar, inteiramente fabricada, uma estrutura de ventilação". 122 O esquema radial se impõe nas pranchas. Várias realizações traduzem os novos imperativos; principalmente na Inglaterra o hospital militar de Plymouth e o dos Inválidos em Greenwich. 123 Ventiladores, embutidos nos tetos do hospital de Guy em Southwark, comunicam-se com o núcleo de chaminés do andar superior; nesse estabelecimento,

os gabinetes de toalete não exalam nenhum odor, pois a porta injeta água neles ao se abrir.¹²⁴ Na França, os hospitais militares, a sala de Saint-Landry (1748), o hospital de Lyon, o hospital Saint Louis, servem como referências aos reformadores. Em 1786, C. F. Viel manda instalar aquedutos e baterias de latrinas no hospital da Salpêtrière; ¹²⁵ ele já construíra (1784-1786), em Bicêtre, o grande esgoto que se depura, e mal, num dispositivo produtor de estercor composto.

Obter desodorização do doente implica um controle somático e, antes de tudo, a vigilância dos excrementos. A ventilação não poderia bastar. Impõe-se uma modificação nos comportamentos individuais. Por esse atalho, o hospital tende a se tornar um lugar disciplinar. Os regulamentos se enrijecem. O regulamento do hospital de Haslar, perto de Gosport, proíbe que se use roupa suja; prevê a troca da camisola dos doentes a cada quatro dias e a troca de lençóis a cada quinze dias; as toucas, as ceroulas e as meias devem ser trocadas uma vez por semana. Os homens devem ser barbeados a cada três dias. Os doentes serão proibidos de se deitar vestidos, de utilizar suas roupas velhas como cobertas, “de guardar pão, manteiga ou qualquer outra provisão na cabeceira da cama ou em volta do leito”.¹²⁶ “Não se poderá aliviar-se das necessidades naturais senão nos locais destinados a este uso.”¹²⁷ Não serão tolerados “clamores nem tumultos”; fumar é proibido, assim como jogar; constitui obrigação assistir ao serviço divino. “Ninguém poderá se tornar culpado de expressões blasfematórias, impropérios proibidos, maldições, bebedeira, sujeira, mentira.”¹²⁸ No hospital geral de Chester, “todo doente, ao entrar, será instado a tirar suas roupas para receber roupas limpas”.¹²⁹

Visa-se a uniformidade, a destruição de hábitos seculares, a proibição de comportamentos espontâneos, daí por diante considerados como anárquicos e perigosos. O hospital se torna, por meio desses exemplos premonitórios, o local de aprendizagem de uma higiene individual que nem se sonha pregar e difundir no espaço privado popular. No Hôtel-Dieu de Paris, Tenon pretende obter a instalação de “comodidades com vasos”. Os doen-

tes hospitalizados seriam os únicos, juntamente com alguns privilegiados, a gozar dessa nova maquinaria do conforto.

Projetos idênticos obcecaram os reformadores da prisão, mas sua reflexão se choca contra um dilema. Como assegurar a circulação da água, do ar e das imundícies onde se deve restringir a circulação dos homens? Como desativar os perigos da estagnação e da fixidez assegurando o necessário aprisionamento? Como conciliar o jogo das correntes de ar e a separação das categorias de detentos? A ventilação demanda multiplicação e alargamento das aberturas, enquanto o cárcere impõe o fechamento intrasponível. Para resolver o dilema, Howard aconselha que se substitua a porta pela grade, a parede em placa pelo engradamento. O ventilador a vela ou, ainda melhor, o fole manual poderá, além do mais, como o *tread-mill*, conciliar o imperativo da aeração e a necessidade de exercício.

No interior da prisão, a gestão do excremento se revela difícil. É preciso desembaraçar o indivíduo sem comprometer o fechamento. À espera de que os sábios do século seguinte venham a encontrar uma solução higiênica a esse problema em particular,¹³⁰ Lavoisier projeta, desde 1780, desodorizar a merda das prisões. Para tanto, propõe cavar, em volta do estabelecimento, um canal no qual viriam desaguar os canos de descarga das latrinas. Uma possante corrente de água controlada por uma válvula aberta a cada dois ou três dias empurraria as matérias para fora desse canal; tubos de respiração, terminados no teto por uma boca-de-lobo, impediriam a expansão dos odores nauseabundos no interior dos edifícios.¹³¹

A autoridade de que gozam os carcereiros permite aqui um controle dos comportamentos mais severo dos que nos hospitais. A prisão, assim como o convento, mas por outras razões, tende a se tornar o lugar privilegiado da aprendizagem das práticas higiênicas. O valor propedêutico da limpeza corporal acrescenta-se ao valor que os teóricos atribuem ao trabalho. “Gostaria, escreve Howard a propósito de prisioneiros amontoados num dos navios-prisão ancorados perto de Portsmouth, que durante o dia de sábado eles fossem obrigados a limpar, lavar roupa,

costurar suas vestes, barbear-se, a tornarem-se a si mesmos limpos, a limpar o navio, a bater e arejar suas roupas de cama. É muito importante acostumá-los desse modo à limpeza." ¹³² Muitos oficiais observam que "os homens mais limpos são sempre aqueles que se conduzem com maior honestidade e decência e que os mais negligentes são ao mesmo tempo os mais dados ao vício e ao desregramento".

O imperativo do "limpo em ordem", ¹³³ a aprendizagem da limpeza revelam seus objetivos múltiplos. O objetivo moralizador e a necessária compressão dos instintos insinuam-se onde, até então, se tratava de desinfecção. O mau cheiro do pecador é tomado ao pé da letra. Saber lavar seu corpo torna mais rápida a recuperação do culpado. O criminoso arrependido, presas a receber o novo batismo social, deverá provar seu renascimento pela perda do odor pútrido que até então o ligava a seus comparsas.

Quanto a este ponto, as prisões da Holanda são os modelos. Aqui, cada um tem o seu quarto, sua armação de cama, seu estrado. A leitura dos regulamentos das prisões inglesas confirma também a insistência dessas preocupações. O artigo VII do regulamento da prisão de Lancaster está redigido da seguinte forma: "O carcereiro fornecerá carvão, sabão, vinagre, cobertores, palha, esfregões, areia, escovas, vassouras, baldes, vasos, toalhas de mão, cestas de carvão, para uso dos prisioneiros, de maneira que eles próprios e todas as partes da prisão sejam mantidos num estado de limpeza e de salubridade". ¹³⁴ Ao chegar, o futuro prisioneiro-faxineiro será despojado de suas roupas, lavado e vestido com o uniforme. Para lutar contra as febres das prisões, deve-se, antes de mais nada, desodorizá-las. Artigo XII: "O carcereiro atentará especialmente para que um ou vários prisioneiros varram alternadamente todos os quartos ou dormitórios e celas, todos os dias antes da refeição, e durante os lavens, quintas e sábados". Está fixado o calendário da faxina. Serão privados de ração (artigo XIII): "aqueles que não tenham lavado seus rostos e suas mãos e cujo exterior não anuncie limpeza". Uma porção suplementar e seletiva será

distribuída aos domingos aos prisioneiros mais bem cuidados, com a finalidade de "encorajar ao trabalho, à limpeza, à boa ordem, à assiduidade ao serviço divino". Há também no continente algumas prisões bem limpas, como a de Breslau, por exemplo, ou ainda a do Capitólio, em Roma.

Partidário do leito individual, Lavoisier ¹³⁵ prevê também que se mandem banhar os prisioneiros, e que se os banhem à sua entrada no estabelecimento. Uma inovação que marcará época na história da aeração: ele recomenda que se instalem em cada cela duas aberturas, uma situada no alto da divisória e pela qual o ar melitizado será evacuado, tornado mais leve, e a outra escavada ao nível da porta e que permitirá a renovação da atmosfera.

Seria interessante comparar esses modelos higienistas destinados aos doentes e aos prisioneiros àquele que Vicq d'Azyr tenta impor aos criadores de animais; o estábulo salubre e desodorizado e o gado saudável, limpo e ordenado participam dessa mesma ambição de se reger os comportamentos preservando-se a saúde coletiva.